

TODA ODISSEIA TEM UM FINAL FELIZ?

(A propósito de poesia e diáspora)

¿TODA ODISEA TIENE UN FINAL FELIZ?

(A PROPÓSITO DE POESÍA Y DIÁSPORA)

Aimée G. Bolaños*

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

RESUMO

O conceito de diáspora, no contexto pós-colonial, alcança renovados significados. A partir das propostas de clássicos da diáspora e das contribuições do pensamento quebequense e cubano atuais, são estudados diversos entendimentos de viagem como modalidade discursiva metafórica da modernidade tardia, assim como a noção de sujeito migrante, referido ao mundo transnacional e suas identidades transculturais. A partir desse matizado *corpus* teórico, leio textos de Juana Rosa Pita, Carlota Caulfield e Alina Galliano, representativos da prática criativa da poesia feminina cubana com seus múltiplos focos dispersos pelo mundo, analisando, sobretudo, as escrituras ficcionais do eu na destrascendentalização da origem e na criação de novos modos de autoprodução cultural, contribuições principais da estética da diáspora contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Diáspora, viagem transcultural, poesia

Ocultos son los rumbos de la épica: el
revés de la historia urde la danza
de los cantos del futuro.

Juana Rosa Pita. Viajes de Penélope.

O trabalho reflexivo se assemelha a um espelho, convexo, multifacetado, em movimento, que não só reflete, mas nos torna imagem. Quando escrevo, livros de poemas, ensaios,¹ tento

* aimee@vetorial.net

¹ Integra recentemente essa experiência de diáspora *Poesia insular de signo Infinito. Una lectura de poetas cubanas da diáspora*, assim como o verbete dedicado à “Diáspora” do *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Na ficção, apontaria: *Las Otras. Antología mínima del Silencio*, poemas que contêm uma subantologia, também imaginária, de autoras diaspóricas e *Las palabras viajeras*, no qual um sujeito migrante ensaia diversas formas das escrituras do eu.

me entender na viagem transcultural. Vivo em diáspora, sou diaspórica. Parece o nome de uma doença, de certa forma o é. Diáspora supõe dor, também novas formas de vida.

Imersa nessa experiência, imaginei e pensei na aspiração de lidar mais produtivamente com o que sou, quer dizer, com as identidades reais e simbólicas de mulher migrante, estimulada pela temática das migrações literárias, encontro dedicado às “Migrações literárias”, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais Na viagem inacabada, o que aprendi sobre diáspora, o que encontrei de revelador, de inspirador na teoria e na poesia nos seus vínculos fecundantes? Perguntas que deixo em aberto, como possível fio de minhas palavras.

TECENDO O CONCEITO DE DIÁSPORA

Para começar, gostaria de reconhecer que a etimologia foi iluminadora. “Diáspora” vem-nos da cultura grega (*dia*, “através”; *speirein*, “espalhar”), com os significados de “dispersar” ou “semear”, ao nomear uma paradigmática história de migração na Ásia Menor e no Mediterrâneo (século 8 a.C.). Dois séculos depois, documentada na tradução grega da Bíblia, refere-se ao êxodo do povo judeu e ao exílio na Babilônia. Primeira descoberta: a palavra tem a ver com criatividade multicultural. Entretanto, na história do êxodo, diáspora permeou-se de exclusão e vitimização, patentes nos vaticínios do Velho Testamento: “Serás disperso por todos os reinos da terra”. Na alta modernidade, o conceito, depois de um prolongado esquecimento, reaparece ressemantizado. Hoje o entendimento de diáspora é complexo, tornando-se grande tema em debate.

Nesse debate contemporâneo, Edward Said é fundacional por sua concepção pós-moderna de diáspora, que alude à multiplicidade de identidades em trânsito para superar o modelo modernista de exílio e regresso ao identificar ao intelectual e artista cosmopolita como uma figura do mundo transnacional.

De modo não menos significativo, James Clifford analisa como o discurso da diáspora representa as práticas de construir lares longe do lar, caracterizando a diáspora como uma comunidade transnacional e transregional, diferente, embora não excludente, de outras formas de deslocamento (exílio, expatriação, migração) e, no vínculo com as histórias de habitabilidade, desenvolve sua crítica das teleologias do regresso. Nas interpretações de Said e Clifford, diáspora torna-se um termo desestabilizador que fala de roteiros nas condições do mundo globalizado.

Três pensadoras de hoje focalizam a escritura da diáspora de modo revelador. Caren Kaplan analisa a diáspora em relação às diferentes noções de viagem e deslocamento como modalidades discursivas metafóricas da modernidade, entrando no tema de modo muito produtivo na ordem metodológica e da tipologia narrativa. Atvar Brah apresenta a diáspora como síntese das experiências da viagem, mas viagem emblemática, simbólica. Embora a palavra evoque trauma e separação, presentes em qualquer migração, diáspora significa também esperança e começo. Para Brah, na diáspora contemporânea nem sempre a aspiração do regresso ao país natal é determinante, embora o tema do lar continue patente. Onde está o lar, quando e como o lugar se transforma em lar? Eis perguntas típicas do sujeito diaspórico para as quais não há respostas simples.

Diáspora implica uma criativa tensão entre os discursos do lar e da dispersão. A identidade diaspórica imaginada construiu-se nas histórias do cotidiano que contamos individual e coletivamente. Nessa dimensão das escrituras da diáspora, distingue-se Gayatri Spivak² com sua crítica da metafísica da origem. Para ela, contestar essa visão transcendentalista, ir além do essencialismo e da origem única através da ficção constitui-se como uma tarefa principal da diáspora, possivelmente, a mais difícil.

Um procedimento estratégico é oferecido por Stuart Hall,³ quando investiga as formações de identidade cultural diaspórica na matriz caribenha: diáspora sobre diáspora. Na sua interpretação, o conceito fechado de diáspora está subordinado às ideias de tribo e pátria, apoiado nas teleologias da origem e do regresso. Nessa crítica, Hall defende o processo fluido de fazer sentido na transculturação.

Destaca-se sua reflexão sobre a estética da diáspora, assunto menos trabalhado pela teoria, estudando suas estratégias de sincretismo e abertura, de tradução de mundos e reutilização de matérias-primas. Segundo Hall,⁴ a estética da diáspora não pode ser entendida nos marcos dos modelos que desabam (centro/periferia, cultura nacionalista/nação), menos ainda na recuperação nostálgica. As identidades estáveis dos modelos essencializantes estão naufragando na presença das migrações livres e forçadas de nossa época pós-colonial. Nas práticas artísticas da diáspora, Hall⁵ enfatiza que a cultura não é apenas uma viagem de retorno, uma arqueologia, mas uma produção, pois estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.

O imaginário do eu diásporico constitui um grande centro conceitual do pensamento quebequense atual. Assim, Simon Harel senta o migrante no divã e encontra na autoficção um verdadeiro laboratório do eu. Nas escrituras de si, o sujeito é livre para inventar sua vida e pode forjar uma narração transnarcisista voltada para seu trabalho artístico. Assim, a autoficção de artistas reflete sobre as envolturas do eu, sua fugaz coerência, sua incompletude. Na referência da psicanálise, a autoficção é um lugar de contradição e revelação – aí está a originalidade do projeto.

Harel interroga sem complacência a identidade de cruzamentos culturais feita na violência e presa no desterro, quando o artista tematiza o problemático ou impossível retorno a si porque a identidade está dilacerada no seu centro mais íntimo. A escritura de si adota a forma de uma estrangeiridade absoluta. O autor, ao se autoficcionalizar, faz um discurso doloroso. No contexto do pós-cosmopolitismo das migrações das regiões deserdadas do mundo para os novos *eldorados*, Harel caracteriza a identidade-terminal na figura do estrangeiro radical que vive uma violenta peregrinação sem destino. Não obstante, em época de desordem coletiva, a escritura abre interstícios culturais como espaço potencial e constitui um corpo psíquico. Mas o refúgio é frágil, avisa o analista, estremeado pelos tormentos da história. Encontrar refúgio na escritura não significa se

² SPIVAK. *Death of a discipline*.

³ HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*.

⁴ HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*.

⁵ HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*.

amar narcisisticamente, nem se proteger das vicissitudes sociais; é uma maneira de o sujeito diaspórico se dizer na perda, na doença de si mesmo. O trabalho de individualização, que se cumpre no espaço subjetivo da escritura, corresponde à necessidade de se redefinir na sua dispersão. A linguagem desempenha o papel de um *oikos* ou *casa*: habitar faz possível a transição. O artista está habitado pela obra por vir. Longe de um pensamento fechado, Harel deixa aberta uma pergunta que, em minha opinião, não admite respostas unívocas: Será a escritura um refúgio?

Com Pierre Ouellet, ganha destaque o eu migrante como prisma do outro. Para Ouellet, o outro não é somente o estrangeiro, o mundo, o que está por fora, mas o próprio sujeito que tem a alteridade na conformação identitária. Perfila-se outro ângulo do princípio da alteridade: além de fenômeno e temática, uma sensibilidade, uma experiência do mundo que leva a repensar a identidade. Nesse sentido, a arte e a literatura expressam uma experiência radical de alteridade na falta de si, na descoberta do estrangeiro que está em cada qual. Os poetas e artistas são sensíveis às singularidades problemáticas, às formas do eu em movimento, às suas variações sem fim, que marcam os pontos de ruptura e sutura. Com sua atividade simbólica, falando o ser em imagens, reinventam a sociabilidade e permitem aceder à infinidade de modos do outro. Nessa visão a partir da estética, o teórico nomeia outras formas de pertença a nós e à sociedade quando a imagem estética funciona não tanto como espelho mimético, mas à maneira de um prisma, que dispersa e dissemina. Ao visualizar de modo metafórico a alteridade como faíscas divergentes ou convergentes, apreciando os efeitos de difração e refração expressivos das identidades efêmeras e mutantes que se formam, deformam e transformam no movimento transcultural, Ouellet contribui para um conceito pós-metafísico de identidade/alteridade. O trânsito do eu ao tu, do si ao outro, tem sido sempre forma e força das obras artísticas. Trata-se, portanto, da identidade do sujeito que não só se descobre, mas se faz nos reflexos tornassóis, ricamente problemáticos da alteridade.

No contexto da diáspora cubana, instaura-se um sugestivo debate a partir dos anos 1980, geralmente voltado para a literatura, no qual as conotações políticas do termo constituem um dos eixos do debate. Gustavo Pérez Firmat, nos Estados Unidos, e Ambrosio Fornet, em território insular, desenvolvem tipologias de escritores migrantes. De modo geral, o tema das memórias recuperadas pela nostalgia é dominante, associando a diáspora à perda e ao luto. Na visão de Rafael Rojas,⁶ a literatura parece criar um estado mágico contra a história. É proteção, redenção, refúgio, lugar mítico entre o inferno e a domesticidade. A diáspora tem reforçado um trágico imaginário ao configurar suas versões da guerra da memória. Porém, começa a se articular uma narrativa da reconciliação e do “difícil perdão”.

Nos últimos anos, vários autores vinculados à academia – Eliana Rivero, Isabel Álvarez Borland, Adriana Méndez Ródenas, Andrea O’Reilly, Jorge Duany e Jesús J. Barquet – pensam a diáspora, mudando progressivamente a perspectiva. Se Adriana Méndez Ródenas aborda a literatura na perspectiva de uma narrativa da perda da nação, Eliana Rivero já não aceita a palavra “exílio”, porque expressa um impacto muito

⁶ ROJAS. Diaspora and memory in Cuban literature.

excludente ao nos definir pelo que não somos mais. Em correspondência, as zonas de contato, as fronteiras e os espaços limiars são reconhecidos como muito fecundas para o entendimento da diáspora. Essa hibridez espacial permite não só a pluralidade, mas a simultaneidade de estados do ser, o que faz possível a articulação das diversas posições do sujeito diaspórico – até contraditórias. A interpretação é inclusiva, assume a perspectiva da continuidade, além de classificações, periodizações e repertórios, salientando a constante transformação.

A ideia da nação deslocada, de Cuba como transnação, articula todo um pensar. A visão da cultura cubana torna-se mais abrangente – o escopo muda: não apenas sua insularidade, também o espaço transnacional, com seus intercâmbios característicos. Nessa identidade em movimento conflituoso, retoma-se o papel da memória que não é o depósito de fatos passados, mas uma mediação e reconstrução. Assim, para Andrea O'Reilly, a imaginação diaspórica é uma amálgama de múltiplas e contraditórias versões. Só na consciência dessa heterogeneidade serão possíveis as discrepantes histórias e práticas discursivas que constituem Cuba na sua complexa continuidade cultural de nação viajante.

NO TEAR POÉTICO DA DIÁSPORA

Carlota Caulfield, Aliana Galliano e Juana Rosa Pita iluminam a estética da diáspora. Do vasto *corpus* diaspórico, detenho-me nessas três autoras cubanas, porque são altamente representativas de uma poesia de intensa mobilidade cultural e refundações identitárias, configurando-se como poetas em trânsito, viajantes *memoriosas* que tecem seus imaginários no matizado tear da diáspora.

Expressivo dessa prática multiforme, o poema “Londres, cualquier día”, de Carlota Caulfield, ficcionaliza a figura autoral em circunstâncias de deslocamento e transculturação:

Me he paseado por todo Londres
Con mi viejo abrigo de cuero negro
Y un sombrero de tela, torcido en los bordes.
De mí nadie sabe nada, sólo que soy una poeta en tránsito,
Que hablo inglés con cierto acento indefinido,
Y que mi nacionalidad es confusa (...) ⁷

Juana Rosa Pita, por sua vez, faz viajar Penélope, figura transgressiva-chave de uma releitura mítica que concede supremacia à imagem poética. Na viagem sem fim, Penélope tece-escreve não mais para a espera e sua poesia abre alternativas da história:

No basta con tejer para la espera
es preciso viajar: volar la pluma
por la ternura encuadrada en sueños:
chalupa más sutil
 cóncava y ágil
que las viriles naves de Ulises
intermitentemente prisionero.

⁷ CAULFIELD. *Movimientos mecánicos para juguetes abandonados*, p. VII.

Madre isla que estás venida a remos
convertida en solar de pretendientes:
infundiendo los viajes
¿quién guardará tus playas de naufragio?
“Penélope no está: queda su imagen.”⁸

A ficção de Cuba adota as mais variadas formas como Ilha fantástica, simbólica e realista, mitológica e histórica, projetada no futuro conjectural e no tempo mítico. A Ilha é mapa do imaginário, sobre o qual cada poeta recria-se e cria os espaços que tenta habitar. Sua imagem, concebida na reminiscência, no devaneio, no sonho, realiza incessantes metamorfoses.

Com seus textos, as autoras traçam uma singular cartografia do espaço multicultural dos trânsitos, tematizando encontros, descobertas e epifanias; também dramáticas lembranças e vivências de solidão, perda e desenraizamento, todos representativos do ofício poético na diáspora. Esses mundos do imaginário, tanto a Ilha como as viagens, com frequência, adotam a forma de heterotopias, espaços do imaginário alternativos, oníricos, projetivos, que sinalizam conflitos, omissões, ausências, refúgios míticos onde os sujeitos diaspóricos se encontram em uma memória habitada por dentro pelas ficções da identidade. Assim aparece neste poema de Alina Galliano:

Con una taza de café es posible
asesinar sin crimen las palabras
habitar una isla en cualquier parte,
devorar la existencia con un gesto tan simple
que Dios podría borrarse por completo
despertar a su propia limitación
guardando un minuto de espanto.
Con una taza de café es posible
atravesar todo el silencio a un cuerpo,
existir tanta vida sin tragedia
o ser el ojo de la manta raya
descubriendo la imprevisible costa
del instinto.
Con una taza de café es posible
tocar el borde de la calentura,
la solitaria fiebre de su hábito
o mirarnos de frente con la ausencia.⁹

O sentido surge ao tomar café, ato mágico, de tão profundas ressonâncias espirituais que faz possível “habitar una isla en cualquier parte”. As poetisas lembram com os sentidos, recriam de modo sensorial. Escrevem a dor e o prazer da sua diáspora. Na recuperação de vestígios, revivem o país natal, para criar isomorficamente no poema o corpo da nação deslocada, onipresente.

Ao viver o sentido traumático do referente pátria, a mulher artista retrata-se na escritura, não poucas vezes única mátria. Dos mais variados modos, autoficcionais,

⁸ PITA. *Viajes de Penélope/ I viaggi di Penelope*, p. 96.

⁹ GALLIANO. *En el vientre del trópico*, p. 26.

míticos, heterônimos, o sujeito mostra-se nos jogos identitários. Nos textos de Alina Galliano, com suas encarnações da mitologia ioruba e náhuatl; em Juana Rosa Pita, na reinterpretação de figuras míticas clássicas (Eurídice, Penélope); em Carlota Caulfield, através de arquétipos mitológicos das mais variadas culturas – todos duplos escriturais.

As poetas inscrevem-se nos seus espelhos-livros e, ao mesmo tempo, olham-se nos espelhos das múltiplas culturas, onde se travestem e traduzem. Nesse imaginário do trânsito, dão forma a uma imagem de si transnarcicista, no trabalho autocriativo e regenerador, de cura e renascimento na escritura. Habitada pela obra por vir, retomando a imagem de Harel, a escriba inscreve e escreve com autonomia, até de si mesma, seus signos identificadores, como se pode ver no poema “La furia de la cámara”, de Carlota Caulfield:

Ella es una mujer.
Está aquí
(y escribe poemas)
Ella se arma
(y se desarma)
como en un rompecabezas.
Ella mira hacia la cámara
(y oprime el obturador).¹⁰

O sujeito poético fabula a passagem do visível ao invisível, da existência à visão, do factual ao simbólico. Ao investigar a fundo a mobilidade e heterogeneidade da própria constituição, sua autoficção especular deve mais a Proteu que a Narciso. O autorretrato abre-se à alteridade, a modo de “autorretrato em olho alheio”, precisamente título de um livro emblemático de Carlota Caulfield. Pensando a partir da metáfora do prisma de Ouellet, é possível reparar na dinâmica de divergência e convergência distintiva da estética da diáspora. Ao se emancipar da metafísica da origem única, a pessoa poética vai além de si, desborda seus limites e se escreve no devir de uma transumância simbólica, nas fronteiras movediças do pós-exílio.

A ideia de nação da historiografia moderna não se encaixa mais na poética; se bem que a diáspora, na sua produtiva tensão entre dispersão e origens, também não poderia ser o polo oposto da nação e da nacionalidade. A poesia não é do retorno ou restauração, mas de autoprodução cultural, prática que Hall¹¹ privilegia na estética da diáspora. As idéias de pátria, tradições, cultura matriz não estão apagadas. Junto à memória imaginária, patente na recorrência da paisagem e sociedade ilhadas, a língua, a infância, a família, o lar matriz, incluindo de maneira fundamental as releituras da cultura originária, aparecem novos imaginários, tanto de consumação do luto pela perda do “lugar” originário, como de ressignificação do sujeito ficcional nas experiências interculturais.

Com originalidade, cada escritora projeta seu coerente trabalho de produção de uma ontologia histórico-cultural, que, olhando para si mesma, convida a seus leitores a olharem para si mesmos – deslocamentos e confluências que nos constituem. Nessa sensibilidade do prisma irradiante, do fulgor da criação, além de qualquer visão unitária,

¹⁰ CAULFIELD. *Autorretrato en ojo ajeno*, p. 67.

¹¹ HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*.

ontológica fechada ou teleológica, podemos fazer nossas as palavras de Juana Rosa Pita: “Se nace en un país/ y en otro se renace./ Nos cría un fulgor sin fronteras.”¹² Também as de Alina Galliano, ao reconhecer a beleza da memória da viagem e dos começos:

Estoy en libertad,
ahora comienzo a saborear ese arte del viento
cuando acaricia las piedras y las transforma
al crear sobre sus superficies la memoria del viaje,
lo versátil de vivir sin fronteras,
de saber que nadie lleva consigo sus pertenencias
y que la vida es una pasión de amor incontenible.¹³

SEM PONTO FINAL

Embora não possa invocar uma definição acabada de diáspora, destacaria a significação teórica e epistemológica de sua expressão em contextos históricos diferenciados, atendendo aos diversos espaços e tempos culturais. Diáspora é um conceito altamente expressivo da mobilidade de nossa época, aberto aos sentidos cambiantes do tempo humano. Assumido o conceito na fluidez, porosidade e abrangência de seus conteúdos, constitui um verdadeiro manto inclusivo, por vezes também transgressivo, dos variados termos sobre migração e exílio que têm circulado historicamente.

Na teoria atual sobre diáspora, são topos discursivos recorrentes: viagem, origem, memória, migração, exílio, expatriação, nação, regresso, habitabilidade, localização, fronteira, zonas de contato, entre-lugar, sendo identidade a maior referência. Vinculados ao conceito, aparecem termos compostos de teor teórico-operativo que tornam possível uma mais apurada e diversificada trama analítica, por exemplo, dimensão, imaginação, espaço, sujeito, experiência – todos diaspóricos.

A partir dos anos 1980, torna-se mais generalizado o uso do termo “diáspora”, ocupando, sempre que for o caso, o lugar de exílio, migração, desterro. Na experiência cubana, o foco se desloca da origem à formação de identidades transculturais. De uma noção fechada de diáspora, referida à nação territorializada, a teoria passa a um conceito dinâmico, vinculado ao de nação deslocada, nação viajante, transnação.

A maioria dos teóricos e escritores de ficção tem uma experiência de diáspora. Junto ao viés teórico, desenvolvem-se formas como autobiografia não individual, biografia comunitária, autoetnografia, bioficção, autoficção cultural e de artista, sendo marcado o fator autorreflexivo. O próprio conceito de diáspora evidencia que não existem mais compartimentos estanques entre o vivido e teorizado ou ficcionalizado; entre ensaio e ficção; entre pensamento e práxis criativa.

Contudo, a estética da diáspora é assunto em projeção, embora as poéticas do deslocamento sejam citadas de modo reiterado, mais na referência à função psicossocial da arte e da literatura, predominando os comentários temáticos. Nesse interesse

¹² PITA. *Cantar de Isla*, p. 133.

¹³ GALLIANO. *Otro fuego a liturgia*, p. 184.

crescente, se aplicam e diversificam as noções de deslocamento, descentramento, desterritorialização, sincretismo, transculturação, tradução, hibridação. Destacam-se as leituras heterodoxas da cultura universal e as releituras míticas, o predomínio da memória, a criação de imaginários transculturais e heterotópicos, o florescimento das escrituras de si mesmo. Associação, transformação e variação são distintivas na composição dos textos para modelar uma leitura de zonas de contatos, leitores e autores imersos no *continuum* diaspórico.

Hoje, é evidente que a teoria e a prática da diáspora reformulam o mapa das culturas no contexto transnacional, especialmente no referido às histórias da literatura. Em consequência, os estudos literários têm muito a dizer na desconstrução da metafísica da origem, essencialismos e universalismos, práticas de exclusão. Pensando com Said, poder-se-ia imaginar a liberdade acadêmica como um convite a desistir da identidade na esperança de compreender e, talvez, assumir mais de uma.

Então, nesse estágio da viagem, digo:

mi nueva casa es un puente
sobre un río que pasa
cuando lo atravieso
me sé en verdadera morada

mi nueva casa es un camino
sobre una tierra alada
cuando ando celebro
cada uno de mis pasos¹⁴



RESUMEN

El concepto de diáspora, en el contexto poscolonial, alcanza renovados significados. A partir de las propuestas de clásicos de la diáspora y los aportes del pensamiento quebecquense y cubano actuales, son estudiados diversos entendimientos de viaje como modalidad discursiva metafórica de la modernidad tardía, así como la noción de sujeto migrante, referido al mundo transnacional y sus identidades transculturales. Desde este matizado corpus teórico, leo textos de Juana Rosa Pita, Carlota Caulfiel y Alina Galliano, representativos de la práctica creativa de la poesía femenina cubana con sus múltiples focos dispersos por el mundo, sobre todo, analizando las escrituras del yo en su destrascendentalización del origen en la ficción y la creación de nuevos modos de autoproducción cultural, contribuciones principales de la estética de la diáspora contemporánea.

PALAVRAS-CLAVES

Diáspora, viaje transcultural, poesía

¹⁴ BOLAÑOS. *Las palabras viajeras*, p. 26.

REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ BORLAND, Isabel. La lengua nómada. Orígenes y la diáspora del 90. *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, v. 33, p. 265-274, 2004.
- ÁLVAREZ BORLAND, Isabel. Fertile Multiplicity: Zoé Valdés and the Writer of the '90s Generation. In: MÉNDEZ RODENAS, Adriana. *Diáspora o Identidad: ¿Adónde va la cultura cubana?* *Revista Hispano-Cubana*, Madrid, n. 8, p. 43-49, 2000.
- ÁLVAREZ BORLAND, Isabel. Identity and diaspora. Cuban cultures at the crossroads. In: O'REILLY, Andrea Herrera (Ed.). *Cuba: idea of a nation displaced*. New York: SUNY Press, 2007. p. 143-160.
- BARQUET, Jesús J. Nueve criterios para armar y una conclusión esperanzada. In: BARQUET, Jesús J.; CODINA, Norberto (Org.). *Poesía cubana del siglo XX*. Antología. México: Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 7-39.
- KAPLAN, Caren. *Questions of travel: postmodern discourses of displacement*. Durham: Duke UP, 1996.
- BOLAÑOS, Aimée G. *Poesía insular de signo Infinito*. Una lectura de poetas cubanas de la diáspora. Madrid: Betania, 2008.
- BOLAÑOS, Aimée G. *Las Otras*. Antología mínima del silencio. Madrid: Torremozas, 2004.
- BOLAÑOS, Aimée G. *Las palabras viajeras*. Madrid: Betania, 2010.
- BOLAÑOS, Aimée G. Diáspora. In: Zilá Bernd (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 167-187.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. London; New York: Routledge, 1998.
- CAULFIELD, Carlota. *Autorretrato en ojo ajeno*. Madrid: Betania, 2001.
- CAULFIELD, Carlota *Movimientos metálicos para juguetes abandonados*. Islas Canarias: Gobierno de Canarias, 2003.
- CAULFIELD, Carlota. *A mapmaker's diary*. selected poems. Trans. Mary Berg in collaboration with the author. Prologue [M.G. B.]. Carlota Caulfield, poet in transit by Aimée G. Bolaños. New York/Buffalo: White Pine Press, 2007.
- CHÁVEZ RIVERA, Armando. *Cuba per se: cartas de la diáspora*. Miami: Universal, 2009.
- CLIFFORD, James. Travelling cultures. In: GROSSBERG, Laurence; NELSON Gary; TREICHLER, Paula (Ed.) *Cultural studies*. New York: Routledge, 1992. p. 96-112.
- CLIFFORD, James. Diaspora. *Cultural Antropology*, v. 9, n. 3, p. 302-398, 1994.
- DUANY, Jorge. Networks, Remittances, and Family Restaurants: the Cuban Diaspora from a Transnational Perspective. In: O'REILLY, Andrea Herrera (Ed.). *Cuba: idea of a nation displaced*. New York: SUNY Press, 2007. p. 161-175.
- FORNET, Ambrosio. *Memorias recobradas*. Santa Clara: Capiro, 2000.
- GALLIANO, Alina. *En el vientre del trópico*. Prólogo de Carlos Franqui. New York: Serena Bay Books, 1994.

- GALLIANO, Alina. *Otro fuego a liturgia*. Prólogo de Aimée G. Bolaños. Epílogo de Octavio de la Suarée. Madrid: Betania, 2007.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HAREL, Simon. Le fauteuil d'écoute. In: HAREL, Simon; JACQUES, Alexandre; ST-AMANT, Stéphanie (Org.). *Le cabinet d'autofictions*. Montréal: Cahiers du Célat-UQÀM, 2000. p. 25-44.
- HAREL, Simon. Demander refuge à la littérature: l'écriture expatriée de V. S. Naipaul? In: OUELLET, Pierre et al. (Dir.). *Identités narratives: mémoire et perception*. Montréal: CELAT/Les Presses de l'Université Laval, 2002. p. 129-151.
- O'REILLY HERRERA, Andrea (Ed.). *Cuba: idea of a nation displaced*. New York: SUNY Press, 2007.
- OUELLET, Pierre et al. (Dir.). *Identités narratives: mémoire et perception*. Montréal: CELAT/Les Presses de l'Université Laval, 2002. p. 129-151.
- OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur: essai sur le non-sens commun*. Montréal: VLB, 2005.
- OUELLET, Pierre. Le principe d'alterité. Introduction. In: OUELLET, Pierre; HAREL, Simon (Dir.). *Quel Autre?: l'altérité en question*. Montréal: VLB, 2007. p. 7-43.
- PÉREZ FIRMAT, Gustavo. Trascender el exilio: la literatura cubano-americana hoy. In: FORNET, Ambrosio. *Memorias recobradas*. La Habana: Capiro, 2000. p. 16-29.
- PITA, Juana Rosa. *Cantar de Isla*. Selección y prólogo de Virgilio López Lemus. La Habana: Letras Cubanas, 2003.
- PITA, Juana Rosa. *Pensamiento en el tiempo*. Miami: Amatori, 2005.
- PITA, Juana Rosa. *Viajes de Penélope/I viaggi di Penelope*. Prefazione di Martha L. Canfield. Postfazione di Reinaldo Arenas. Pasian di Prato: Campanotto, 2007.
- RIVERO, Eliana. *Discursos desde la diáspora*. Cádiz: Aduana Vieja, 2005.
- RIVERO, Eliana. In two or more (dis)places: Articulating a marginal experience of the Cuban diaspora. In: O'REILLY, Andrea (Ed.). *Cuba: idea of a nation displaced*. New York: SUNY Press, 2007. p. 194-214.
- ROJAS, Rafael. Diaspora and memory in Cuban literature. In: O'REILLY, Andrea (Ed.). *Cuba: idea of a nation displaced*. New York: SUNY Press, 2007. p. 237-251.
- SAID, Edward. *The world, the text and the critics*. Cambridge: Harvard University Press, 1983.
- SAID, Edward. *Culture and imperialism*. New York: Alfred A. Knopf, 1993.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SPIVAK, Gayatri. *Death of a discipline*. New York: Columbia University Press, 2003.